

Redes de parceria e mobilização

Partnership networks and mobilization

MARIA CLARA AQUINO BITTENCOURT*

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique:

@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.

Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

RESUMO

A resenha de *@internet e #rua: ciberativismo e mobilização das redes sociais*, de autoria de Fábio Malini e Henrique Antoun, expõe alguns dos principais assuntos tratados pelos autores ao longo do texto que se desenvolve sobre um *background* histórico da internet e das tecnologias digitais de comunicação e informação. Este breve passeio pela obra dos dois pesquisadores busca aproximar as análises de redes de colaboração e parceria com as recentes práticas de produção, circulação e consumo de conteúdos no âmbito de mobilizações que das redes chegaram às ruas do Brasil.

Palavras-chave: Redes de parceria, mobilização, colaboração, mídias

ABSTRACT

This review of *@internet and #street: cyberactivism and mobilization of social networks*, authored by Fábio Malini and Henrique Antoun, exposes some of the main issues addressed by the authors throughout the text that develops over a background about the history of internet and digital technologies communication and information. This brief tour around the work of two researchers intends a closer analysis of networks of collaboration and partnership with the recent practices of production, circulation and consumption of content through the mobilizations that came from the networks to the streets of Brazil.

Keywords: partnership networks, mobilization, collaboration, media

* Doutora e mestre em Comunicação e Informação Pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista em pós-doutorado pela CAPES. E-mail: aquino.mariaclara@gmail.com

PARCERIA É TERMO frequente nesta resenha, assim como na trajetória acadêmica de seus autores. *@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais* (Editora Sulina, 2013) é a tessitura de uma rede de textos que vem sendo formada desde os tempos de doutorado de Fábio Malini, quando orientado por Henrique Antoun, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Através de trabalhos apresentados em congressos e artigos publicados em periódicos da área da comunicação, a parceria entre os dois pesquisadores foi construída não somente pelos laços acadêmicos, mas pelas afinidades no âmbito do ativismo, explicitamente declarado por ambos, e que perpassa com transparência e franqueza por suas argumentações. Por ser autodeclarado, este engajamento não suscita dúvidas naqueles que lêem seus escritos, pois já se inicia a leitura do texto com a certeza de que a parcialidade assumida pelos autores os ampara na construção de caminhos de investigação que os levam a determinadas conclusões.

A carga de estudos acumulada por Malini e Antoun ao longo dos últimos dez anos tornou-se não apenas extensa, como de alto valor para a investigação, sob vieses diversos, a respeito das relações entre as mobilizações populares e os usos e apropriações da internet, demandando assim a constituição de uma publicação que colocasse em diálogo as múltiplas abordagens discutidas. O espalhamento de levantes populares pelo mundo nos últimos anos, como o movimento de *Seattle* até as manifestações da Primavera Árabe, recuperados em diversos momentos no texto dos autores, tornou ainda mais latente a necessidade de reflexão sobre um conjunto de elementos tecnológicos, sociais, culturais, políticos e econômicos que compõem o quadro mundial de transformações sobre as práticas comunicacionais, hoje pautadas pelo engajamento coletivo, pela colaboração, pela participação e por uma série de termos e expressões que transitam pela obra de Malini e Antoun. Os autores expressam a complexidade de um novo modelo de comunicação, pautado pelo capitalismo cognitivo, liderado pela nova mídia e fortemente combatido pela mídia corporativa.

A história da internet e das redes de parceria serve de base para a costura que *@internet e #rua* faz de uma série de fatos e histórias que desde o desenvolvimento inicial da cultura *hacker*, das *BBS* e da *Usenet* vêm semeando o campo de lutas em torno da informação no qual irão se configurar os embates entre a mídia corporativa e a mídia livre. Esta disputa pela construção de narrativas perpassa pelos conceitos de guerra do controle (*cyberwar*) e de guerra em rede (*netwar*), pertencentes ao campo da guerra da informação (*infowar*), criados por Arquilla e Ronfeldt (1993), e citados com recorrência por Malini e Antoun na discussão sobre os tensionamentos entre atores diversos que hoje circulam pelo campo midiático. Aquele que buscar um apanhado de apontamentos resumidos

ao senso comum, como tentativas enfadonhas de resposta ao repetitivo questionamento sobre o que vem se passando no mundo, terá mais sucesso recorrendo à análises de especialistas em programas de entrevista ou então na leitura das páginas amarelas de alguma revista semanal. O que *@internet e #rua* apresenta não é uma resposta fechada aos atos e reivindicações dos engajados nas mais diversas lutas contra a repressão de governos ditatoriais e abusos econômicos e políticos, mas uma arqueologia de uma cultura ainda em formação, pautada pela apropriação tecnológica como instrumento de libertação, emancipação e defesa de direitos e garantias de naturezas múltiplas. Através de um texto que mescla um tom literário, marcado pela paixão do engajamento na luta, com dados científicos, Malini e Antoun recuperam a história da internet e da liberdade de expressão e de acesso à informação que constitui seus alicerces, para apresentar o nascimento e o crescimento de uma cultura da colaboração. Essa cultura é movida pela atuação de movimentos sociais que se esvaem pelas redes e ruas e é fortalecida e ampliada nas redes de comunicação que se ramificam sob diversos formatos, engajando pessoas e causas através de usos, desvios e adaptações tecnológicas que, ainda que dependentes da conexão regida pela lógica do capital e retida pelo controle de governos e corporações, encontram vias, formas e canais de comunicação capazes de derrubar ditaduras e subverter lógicas de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos. Desde a diferenciação, exposta logo de início, entre o midialivrismo e o ciberativismo, fica claro que a economia política dos meios permeia toda a obra dos autores.

Ambos reivindicam outra economia política dos meios, em que a propriedade dos meios deve ser comum, isto é, que a cooperação na produção social de conteúdos midiáticos seja regida por uma estrutura decisória coletiva da sociedade civil e por um direito de autor que permita que os conteúdos circulem livremente pela sociedade, e não apenas se torne uma máquina arrecadadora de patentes (Malini e Antoun, 2013: 22).

Quatro capítulos dividem o livro, composto por uma extensa rede hipertextual de subtítulos que apresentam uma narrativa que vai e volta na história dos movimentos sociais e da internet, recuperando fatos, dados, leis e situações que não poderiam deixar de aparecer na trama da rede de acontecimentos que nos levam a atual conjuntura tecnológica, social, política, cultural e econômica. A vastidão da cultura digital aparece pouco nas linhas de *@internet e #rua*, se comparada ao tanto que a compõe, tornando assim imprescindível conhecer, ainda que basicamente, as raízes do ciberespaço a que Malini e Antoun se referem ao citar autores como Gibson (2003); as histórias do nascimento do *software* livre e de empresas como Apple, IBM e Microsoft; e os embates judiciais emblemáticos

sobre direitos autorais travados entre grandes corporações e os sistemas P2P. Munir-se desse conhecimento prévio enriquece a leitura de passagens que abordam tanto as mobilizações que das redes chegaram às ruas, mas talvez, principalmente, a evolução de sistemas de publicação e compartilhamento de conteúdo que conferem aos movimentos e ativistas a reconfiguração de suas formas de organização e de comunicação entre si e sobre suas ações. São esses sistemas e ferramentas de publicação e compartilhamento, baseados em redes P2P, colaboração e interações, que se ocupam os autores para traçar um detalhado histórico sobre como as possibilidades tecnológicas podem potencializar redes, de pequenos grupos a multidões. As mesmas redes que ao mesmo tempo se apresentam para governos e corporações midiáticas alvo de monitoramento e vigilância, sob tentativas de controle e até mesmo censura, em uma época na qual o espalhamento (Jenkins, Ford e Green, 2013) trata de possibilitar o escoamento das informações por vias diversas. A capacidade coletiva em difundir um conteúdo, ampliando seu alcance através da multimídia conectada, de acordo com os autores, a invisibilidade com a visibilidade, em função dessa disseminação em rede. Essa diversidade de formatos é destacada através de exemplos diversos que ilustram como o poder das mídias irradiadas de massa é colocado em xeque pelas mídias distribuídas de multidão.

Antes de abordar efetivamente as práticas e formatos multimídia adotadas pelos cidadãos e ativistas na rotina dos movimentos, os autores situam a atual conjuntura de lutas a partir de conceitos como cibercomunismo, capitalismo cognitivo e biopoder refletindo sobre a conjuntura política e econômica da história das mídias. Tais passagens geram, imediatamente, questionamentos acerca das atuais manifestações midiáticas empreendidas por coletivos midiáticos como o *Mídia Ninja*, na cobertura dos protestos deflagrados no Brasil a partir de junho de 2013. Nesse sentido, as contribuições de Malini e Antoun enriquecem o campo acadêmico que se dedica ao tema e instigam o raciocínio por parte de movimentos sociais e coletivos midiáticos na tarefa de reinventar a economia política da comunicação através de novos modelos de financiamento e de novas formas de geração de valor de seu trabalho imaterial.

A lei dos pares ganha amplo espaço no segundo capítulo que expõe a trajetória dos sistemas P2P, destacando assim a importância do compartilhamento nas interfaces de mediação e nas redes de guerra em rede. Multidão, enxameamento e mediação são as palavras de ordem neste momento do texto que problematiza direitos autorais, relações entre trabalho e tecnologia e redes de parceria. Modelos, lógicas de rede e o funcionamento de diversos *softwares* de trocas de arquivo que marcaram época na trajetória da internet servem de inspiração para pensar a configuração presente de redes de colaboração

engajadas na produção e no espalhamento de conteúdos comprometidos com a verdade dos fatos e descolados da produção da mídia de massa, pautada por interesses corporativos e atrelada aos jogos políticos. Malini e Antoun recuperam um método de Arquilla e Ronfeldt (1993) para analisar, em nível organizacional, as redes de guerra em rede e destacam o nível narrativo deste método como sendo hoje determinante na compreensão da realidade da rede. A motivação que determina a permanência de um indivíduo na rede é o que orienta o nível narrativo de análise das redes de guerra em rede, trazendo novamente para a dianteira da discussão o embate entre a velha mídia de massa, antes detentora exclusiva da narração, e a nova mídia, que arranca desta o protagonismo da mídia anterior, pulverizando-o em incontáveis vozes que se espalham pelas redes.

Das redes de parceria para trocas de arquivos, os autores abrem espaço para o debate sobre a publicação colaborativa em rede, tensionando a discussão sobre o jornalismo nesse contexto marcado pela liberação do pólo emissor (Lemos, 1997). Eles demarcam uma recomposição de forças no âmbito contemporâneo midiático em função da fragmentação da atenção dos meios e pelo desprendimento do fato noticioso de uma única versão. Expondo e questionando algumas práticas de jornalismo participativo em grupos tradicionais de mídia, Malini e Antoun apontam a existência de inúmeras experiências de mídia independente, que dão visibilidade a notícias que não aparecem em grandes jornais. É então que chegam aos *blogs*, como um formato de destaque no âmbito dessa produção independente, e por muitas vezes local, como portadores de práticas baseadas na escrita informal e na conversação: “a blogosfera destoa da comunicação de massa exatamente porque se constrói a partir de discursos que estão colados à maneira de expressar de cada singularidade” (2013: 124). O nascimento da mídia livre é então abordado a partir da criação do *Independent Media Center (IMC)*, durante a Batalha de *Seattle*, alterando assim os rumos não só do movimento como do próprio jornalismo.

No terceiro capítulo, as práticas de organização e de comunicação entre e sobre os movimentos são comentadas com base na atuação social, na mobilização e no engajamento que se potencializam através do ciberativismo. O monitoramento de dados, o vazamento de informações e as possibilidades de anonimato são apontados como os tópicos do capítulo que justifica grande parte do título da obra. É neste momento que Malini e Antoun se debruçam sobre “os processos de narração coletiva dos acontecimentos públicos” (2013: 157), entendidos como o laboratório das disputas entre a velha e a nova mídia, entre o governo e as corporações e os movimentos, ativistas e cidadãos. O resultado é “que as novas narrativas multitudinárias vão fazer a passagem do modelo

informacional das mídias, que privilegia a acumulação quantitativa prioritária de produtos, para o modelo comunicacional das multimídias, que privilegia a coordenação da ação coletiva dos movimentos” (Ibid.).

O biopoder volta ao texto, quando do apontamento de uma nova arte de governar a liberdade dos sujeitos. A respeito da liberdade de produção autônoma *versus* o cerceamento dessa liberdade a partir de sistemas controlados de informação, os autores apontam a atual configuração econômica da internet como veiculadora de uma ideologia de liberdade desregulada, mas que na verdade é submetida a protocolos e arquiteturas que mantêm sua cultura sobredeterminada por um biopoder que estimula, ou tem a capacidade de, a criação de subjetividades. É essa criação de subjetividade que influencia na tomada de decisões, e que por isso acaba sendo objeto de disputa entre mídias. Em contraposição ao biopoder midiático na internet, os autores apontam a biopolítica como a resistência e a constrainsurgência por aqueles que não se deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação. A multimídia e a organização das multidões ao redor da *hashtags* demonstram o potencial de organização e mobilização gerados pelos usos e apropriações das novas mídias, abrindo espaço para o encerramento do capítulo que ainda contrapõe o vazamento de informações como forma de resistência à censura imposta pelos governos e finaliza clamando, aos mesmos, pela devolução aos jovens da franqueza, a mesma que pauta as ações destes na exigência pela honestidade e transparência na governança.

Malini e Antoun reservam o último capítulo para lembrar como estáticas *homepages* de portais de notícias pautavam as agendas midiáticas na *web 1.0* e como se passou a atuar a partir de publicações em *timelines* de perfis, ao invés de páginas carregadas de conteúdo e fechadas para a participação e o compartilhamento. A conversação emerge na *web 2.0* como o motor das mobilizações em rede, que ganham as ruas a partir das possibilidades interativas de ferramentas diversas. Os emblemáticos #15M e #12M despontam, como laboratório espanhol, nas últimas páginas de *#internet e @rua*, ao lado das manifestações no Espírito Santo, em 2011, que exemplificam novas formas de ativismo e narratividade.

Sem nunca negar as marcas do ativismo e da paixão pela luta, Malini e Antoun estruturam neste livro as bases do pensamento sobre as lógicas das redes de parceria, alicerces da constituição de movimentos e mobilizações que enxergam no uso da tecnologia, em suas rotinas de ação, a força e o poder da comunicação. Dinâmico como a própria história que conta e problematiza, *@internet e #rua* se desdobra em múltiplos nós, de ações coletivas e pesquisas sobre o tema, que ainda percorrerão as ruas e as redes, num futuro que já se constrói em nosso cotidiano. ■

REFERÊNCIAS

GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 2003.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*. New York: New York University Press, 2013.

LEMOS, André. Anjos Interativos e Retribalização do Mundo. *Tendência XXI*, Lisboa, v.2, p. 19-29, 1997.

Endereço eletrônico:

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. Cyberwar is coming. *Comparative Strategy*, ano 2, n. 12, p. 141-165, 1993. Disponível em: <<http://www.well.com:70/o/Military/cyberwar>>. Acesso em: 15 set. 2013.

Artigo recebido em 15 de setembro de 2013 e aprovado em 21 de outubro de 2013.